

## BRAVA GENTE

Leitor inveterado, sou um homem dado a fantasias. Assim sendo, no quarto já às escuras, pronto para dormir, uma noite pensei em evocar algum personagem para me fazer companhia até a chegada de Hipnos, o deus grego do sono, a quem costumo me entregar com prazer e sem pudor.

Não tardou e, como de costume, os primeiros a se manifestarem foram o meu eu-razão e o meu eu-emoção. Gosto da atuação dos dois, não nego, mas eu queria alguém de conteúdo mais ameno; ninguém que me levasse a fazer lucubrações. Assim sendo, justificando meu gesto, os dispensei educadamente. Foi quando o eu-emoção, ciente das minhas carências, sugeriu: *Este momento é propício à rememoração de alguma vivência agradável dos teus tempos de infância, rapaz! Volta lá!*

Tudo bem. Concordei. E logo me veio à memória o dia em que eu, com onze anos de idade, fui convidado a fazer parte de um grupo de alunos que, por se destacar nos estudos de História do Brasil, foi contemplado com uma visita ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo, também conhecido como Museu do Ipiranga.

Dois dias depois, lá estávamos nós, exultantes.

*Nossa! Que jardim maneiro, galera!* Foram as minhas primeiras palavras, ao deparar aquela maravilha paisagística — projetada no início do século XX pelo belga Arsenius Puttemans — inspirada em jardins clássicos franceses, como os do Palácio de Versalhes.

*E este prédio também é o máximo!* Exclamei ao ver-me frente a frente com o monumental Museu arquitetado por Tommazo Gaudenzo Bezzi, inaugurado oficialmente em 7 de setembro de 1895.

De modo tranquilo, meus professores e colegas de aula adentraram o prédio. Eu, no entanto, sentia-me como estivesse a vivenciar o período colonial. Mas não o fazia com afetação: ao contrário, esqueci por algum tempo os artistas e a elite que por ali haviam passado (a quem geralmente são conferidas todas as glórias), e imaginei-me um homem que, mesmo

recém-liberto da escravidão, continuava a transportar cargas pesadas e meu suor servia de aglutinante dos componentes da argamassa edificadora.

Eu era um menino, mas já admirava a intrepidez de D. Pedro I, e o significado de *independência* dizia tudo para mim. Assim sendo, a pisar uma passadeira vermelha, galguei a escadaria que leva ao piso superior. No topo desta, porém, fui alvo da zombaria de colegas, e provoquei sorrisos irônicos de um professor, pois, não resistindo à presença quase real do Imperador, curvei-me diante de sua monumental estátua, esculpida por Rodolfo Bernardelli.

Bem, em certa medida eu era mesmo diferente dos meus colegas. Não sei se para melhor ou para pior. Só sei que, enquanto eles se interessavam por coisas, eu me fixava em ideias e escarafunchava escaninhos. Eles olhavam as lindas pinturas, enquanto eu, a admirar o teto do Museu e rodopiar com os braços abertos, ficava a imaginar o que haveria por detrás de toda aquela arte e, principalmente, o que significava cada uma das expressões dos retratados. Lá se destacavam personalidades importantes e representativas da Independência do Brasil, entre as quais — me lembro bem — estavam Tiradentes, o mártir, e Maria Quitéria, que, passando-se por homem, apresentou-se ao Regimento de Artilharia para participar da luta libertária.

Com sorrisos e carrancas da História indo ao meu encaicho, fomos adiante. Passamos pelo bandeirante paulista Fernão Dias Paes Leme; ou melhor, pela estátua dele (de autoria de Luigi Brizzolaro), e eu, para não ser zoadado novamente, cumprimentei o “Caçador de Esmeraldas” telepaticamente.

Muitas outras obras de arte expostas me extasiaram, mas fico em débito com seus autores, pois tão profusa é a beleza, que eu, agora distante — em espaço e tempo —, vejo-me incapaz de revelar. A menos que eu me valha dos recursos cibernéticos da atualidade. Mesmo assim, não creio que as lembranças alcancem os reais significados das emoções e sensações experimentadas na minha infância.

Conheço bem minhas limitações. Ainda assim, eu que antes de dormir não queria me entregar a lucubrações, lembro muito bem o que senti naquela visita ao Museu Paulista, onde tudo me tocou profundamente. Lá, como que me transportando a cada acontecimento do passado, tive

oportunidade de desfrutar a beleza de ânforas de cristal com amostras das águas de rios brasileiros que foram navegados pelos bandeirantes; envolvi-me na sabedoria emanante das bibliotecas; encantei-me com diversificadas manifestações da arte; vi importantes marcas deixadas por portugueses, índios e outros. Contudo, além da cena estampada na obra pictórica de Rodolfo Amoedo *Ciclo do Ouro*, não consigo trazer de volta à memória menções feitas à importante atuação de escravos. Acredito que, por ser a escravidão uma triste realidade da nossa história, esta interrupção repentina do meu pensamento seja resultante de fatores emocionais inconscientes.

Mas, sem nenhum outro bloqueio, lembro muito bem que, ao som do Hino da Independência, cujos autores são Evaristo da Veiga e D. Pedro I, eu e meus colegas fomos levados a contemplar o quadro *Independência ou Morte*, pintado pelo genial Pedro Américo, ícone da pintura histórica brasileira. Nesta obra, também conhecida como *Grito do Ipiranga*, estão refletidas as imagens de vários grupos sociais da época, mas o Imperador se destaca como grande líder. Há controvérsias sobre alguns signos expostos na tela, mas não há dúvida de que se trata do principal símbolo da proclamação da Independência do Brasil, ocorrida em 7 de setembro de 1822, e (a meu ver) é uma síntese de todas as maravilhas colocadas à mostra no Museu.

Aquela foi uma tarde maravilhosa. Não obstante, entre as muitas dúvidas, duas delas subsistem até hoje. Primeiro, não entendo o porquê da exposição de mechas de cabelo em um museu. Segundo: será que, visitando o setor das indumentárias de época, ao se depararem com uma ceroula masculina toda carcomida, as pessoas fantasiam tanto quanto eu? Sei que pode parecer estranho, mas não consegui evitar especulações fantasiosas sobre o portador da sensual indumentária. Eu era um menino, mas ria maliciosamente a imaginar as peripécias ali impregnadas.

Assim, voltando ao meu quarto escuro (e rindo novamente), comecei a bocejar. Estava na hora de entregar-me ao sono e a novos sonhos. Dormi feliz, pois para mim é sempre muito bom rememorar os velhos tempos da infância, nos quais, afora os encantos naturais, nasce a esperança de que é possível — e necessário — haver o surgimento de quem prepara gradual e cuidadosamente a instauração de mundos melhores.